

10+



MICHAEL COX

Ilustrações de Michael Tickner

Tradução de Ricardo Gouveia


CIA. DAS LETRAS

Copyright do texto © 2001 by Michael Cox
Copyright das ilustrações © 2001 by Michael Tickner

Publicado originalmente pela Scholastic.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original:
10 best ghost stories ever!

Preparação:
Maria Fernanda Alvares

Revisão:
Marise Leal
Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cox, Michael

Dez mais: histórias de fantasmas / Michael Cox; ilustrações de Michael Tickner; tradução de Ricardo Gouveia. — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Título original: 10 best ghost stories ever!
ISBN 978-85-359-1783-3

1. Literatura infantojuvenil I. Tickner, Michael. II. Título.

10-12097

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
1. Literatura juvenil 028.5

2011

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

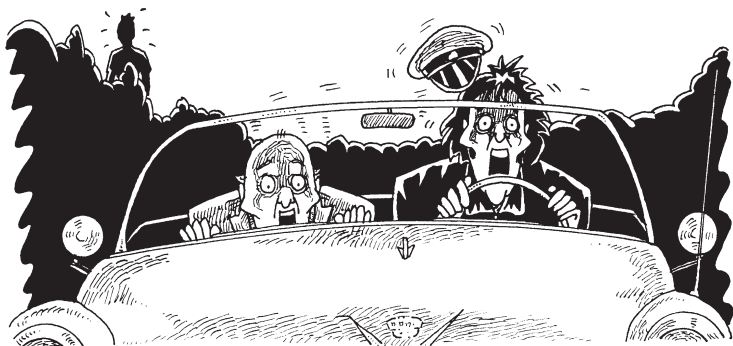
Composição: Américo Freiria

Impressão: Geográfica

SUMÁRIO

Introdução	5
História 1: Como aconteceu	8
O escritor-fantasma	
Fatos horripilantes 1: Dez coisas que você sempre quis saber sobre fantasmas	20
História 2: A outra volta do parafuso	31
Linha direta do Omni Pot'Entie	
Fatos horripilantes 2: Guia dos espíritos fracos para evitar fantasmas	45
História 3: Na estrada de Brighton	52
Companheiro de viagem	
Fatos horripilantes 3: Dez viajantes assustadores	62
História 4: Apite, meu caro, e eu virei até você	70
Eu gostaria que vocês estivessem aqui	
Fatos horripilantes 4: As dez faces dos fantasmas	88
História 5: Invasores de corpos	96
Uma história de cadáveres e ladrões	
Fatos horripilantes 5: Falsos fantasmas e espectros fajutos	105

História 6: O Horla	109
Bem-vindo ao meu mundo	
Fatos horripilantes 6: Dez fantasmas globais	124
História 7: A caveira que grita	131
Cara, e você perde	
Fatos horripilantes 7: Guia de caça-fantasmas para espíritos audazes	145
História 8: Os arqueiros	152
Uma flecha que passa raspando	
Fatos horripilantes 8: Minha noite de terror, por Terry Fide	165
História 9: Como o medo se afastou da Longa Galeria	173
Como a outra metade assombra	
Fatos horripilantes 9: Um trio de casas assombradas “de verdade”	188
História 10: O correio noturno	197
Uma história de espectros rodantes	
Fatos horripilantes 10: Os transportadores do terror	209
Epílogo	221



HISTÓRIA 1: COMO ACONTECEU

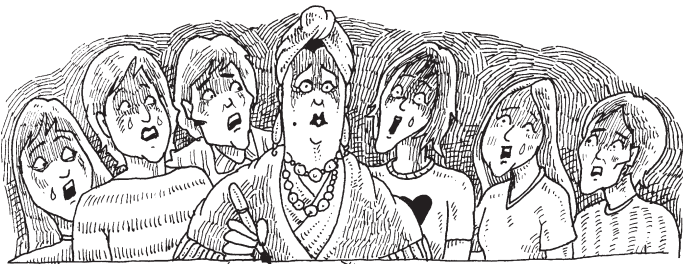
A primeira história que flutua sutilmente até nós foi escrita por sir Arthur Conan Doyle (1859-1930), o criador do superdetetive Sherlock Holmes. Depois dos seus contos de crime e suspense, que o fizeram rico e famoso, sir Arthur ficou de fato interessado em outro tipo de mistério: o que acontece às pessoas depois que morrem e se é possível se comunicar com elas.

Ele se tornou um grande adepto do espiritualismo (a ideia de que os vivos podem contatar os mortos) e tentou entrar em contato com os seus amigos falecidos através de um intermediário espiritualista conhecido como médium. Dizem que trapaceiros e médiuns astuciosos o engambelaram, fazendo-o acreditar que tinham conseguido materializar antigos companheiros de Doyle, e mostraram fotografias dele mesmo com os “fantasmas” deles. Mas, na verdade, eles simplesmente recortaram fotografias desses amigos, colaram em negativos de fotos de sir Arthur e depois fizeram cópias, que mostravam todos juntos. É surpreendente que o inventor do detetive mais esperto da ficção policial não tenha “detectado” aquela fraude tão trivial, não é? Apesar de algumas pessoas terem alertado sobre armação, sir Arthur continuou a

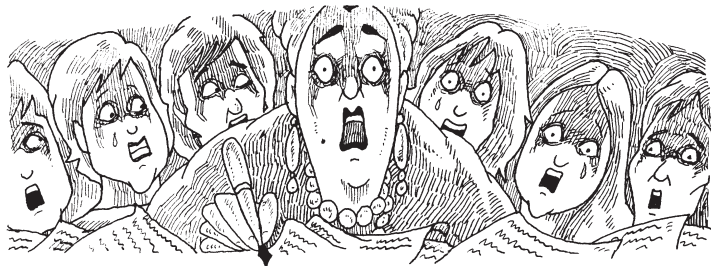
acreditar em fantasmas e no poder dos médiuns de contatar os mortos. Sem dúvida, foi isso que o levou a bolar a sua grande historinha. “Como aconteceu” foi escrita em 1913, mas a versão a seguir sofreu uma pequena atualização.

O ESCRITOR-FANTASMA

Enquanto os fãs lacrimosos aguardavam com a respiração suspensa, a médium pegou a caneta, hesitou por um momento e começou a escrever.

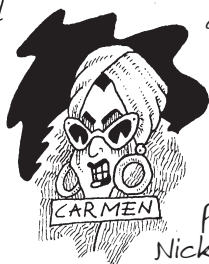


De início, as palavras vieram devagar, mas depois de alguns instantes a caneta começou a se mover confiante e rapidamente pelo papel. Logo, a vidente estava escrevendo com extrema urgência, como se só estivesse anotando as palavras, não importando quais fossem!



Era como se a sua mão estivesse sendo guiada por um poder tão forte que seus dedos eram totalmente incapazes de resistir. Em outras palavras, um poder... de além-túmulo! Eis o que ela escreveu:

Lembro-me muito bem de várias coisas a respeito daquela noite! Eu e a banda tínhamos acabado de encerrar uma turnê de enorme sucesso pela América e chegamos ao aeroporto de Heathrow por volta de cinco horas da tarde, horário do Reino Unido. A turnê foi um sucesso total! Estádios lotados todas as noites, comigo e os Cachaceiros dando tudo de nós e os nossos fãs americanos enlouquecidos querendo mais. Aquilo ajudou

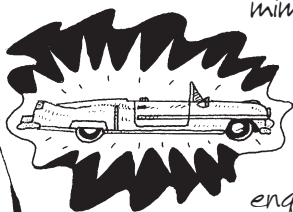


demais nas vendas do nosso cd, e Carmen Crocodilo, minha assessora de imprensa, me mandou um e-mail no Concorde para dizer que "Raw Pudding" com Nick Ramsbottom e os Cachaceiros tinha ido diretamente para o primeiro lugar nas paradas dos Estados Unidos. Bravo, rapaz! Mas, caramba, como fiquei exausto!

Depois que passamos pela alfândega, lá estava a multidão usual de fãs fervorosos gritando e acenando. Então dei alguns autógrafos e beijei as bochechas de algumas garotas, o que as deixou desfalecidas, como de costume. E aquilo me fez pensar: "Só posso estar sonhando! Oito singles de estourar nas paradas, o meu próprio iate no Mediterrâneo,

uma mansão em Surrey, e eu com vinte e cinco anos!".

Depois de algumas risadas e brincadeiras com os rapazes das bandas Expresso Melodia e Baba de Escol, saí do Terminal 2... e lá estava ele! Meu brinquedinho novo, esperando por



mim... o rabo de peixe brilhando ao sol de fim de tarde, capota abaixada, o motor ronronando como uma pantera de tocaia,

enquanto meu caro Jagger pisava alegremente no acelerador. Era mais espetacular do que eu imaginara! O meu próprio Cadillac Eldorado 1953 conversível cor-de-rosa! O cara que comprava todos os carros para mim o encontrara pouco antes de voarmos para os Estados Unidos. Portanto, eu ainda não tivera uma chance de vê-lo até agora... muito menos de dirigi-lo! Mas, na verdade, ele não tinha sido bem cuidado pelo dono anterior e precisou ser levado à Maluco Por Caddies para reparos, restauração e uma revisão completa antes de galgar de fato o asfalto, então deu na mesma.



Quando Jagger passou para o assento do carona, pulei para dentro e, brincando, arranquei o boné pontudo de chofer da sua cabeça calva e coloquei-o sobre a minha própria

massa de cachos luxuriantes, arrancando uma grande gargalhada dos fãs e da imprensa. Então, cantando os pneus, deixamos o aeroporto. Calculei que, se o trânsito na M25 não estivesse ruim demais, deveríamos chegar à minha mansão em Surrey ao pôr do sol. E, finalmente, ao descanso merecido!

A M25 estava mal. Mas eu não estava nem aí! Era uma celebridade, tinha o meu carrão novo, o sol brilhava, a capota estava arriada, e Chuck Berry retumbava no meu recém-instalado CD-player!



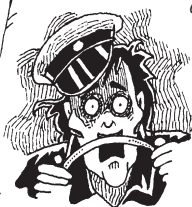
Decerto senti pena daqueles patéticos motoristas que lançavam olhares invejosos para mim enquanto se arrastavam tristemente para casa, voltando dos seus empregos deprimentes em escritórios da cidade.

Estava tudo a mil maravilhas... até que chegamos ao topo da colina Claystall, de onde se desce em direção aos portões das Terras Baratinadas, minha casa de campo. Esse é uma das piores colinas da



Inglaterra, com cerca de dois mil e quinhentos metros de extensão, com uma inclinação de até 19 graus em alguns pontos... e duas curvas assassinas também! É o tipo da colina que faria cair tudo fora do porta-luvas do

Caddie se estivéssemos subindo! Mas esse não era o caso. Estávamos descendo! Tínhamos acabado de chegar ao topo e apenas iniciando a longa descida quando os problemas começaram. Toquei no freio de



leve, só para reduzir a nossa velocidade um pouco, e não aconteceu nada. É isso mesmo... nécas... zero... coisa nenhuma! "Ei, Jagger!", eu disse. "Você tem certeza de que aqueles caras fizeram a revisão direito?"

"Bem, senhor", respondeu ele um pouco encabulado, enquanto começávamos a ganhar velocidade. "Eles tiveram muito pouco tempo. O senhor disse que queria o carro pronto para hoje, de todo jeito! Quando fui buscá-lo, eles disseram que precisariam de mais uns dois dias, para conferir de novo os dispositivos de segurança! Este carro tem quase cinquenta anos de idade, senhor."

Enquanto Jagger me dava aquela bela notícia, eu pisava repetidamente no pedal do freio com toda a força, mas o Caddie ganhava velocidade a cada segundo. Por sorte não havia mais ninguém na colina; portanto, ao menos, tínhamos o caminho livre na nossa frente. Minha mansão fica em um lugar bem afastado. Quando atingimos os cem quilômetros por hora, Jagger disse:

